

Sociedade em

Debate

O periódico SOCIEDADE EM DEBATE é uma publicação quadrimestral da Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Pelotas, criado em novembro de 1995.

Artigos enviados poderão ser publicados caso sejam aprovados pelo Conselho Editorial.

As opiniões expressas nos artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

Publicação quadrimestral - V.10, N.3 - Dezembro de 2004 - ISSN 1414-9869

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS

Chanceler

D. Jayme Henrique Chemello

Reitor

Alencar Mello Proença

Pró-Reitora de Graduação

Myriam Siqueira da Cunha

Pró-Reitor de Pós-Graduação,

Pesquisa e Extensão

William Peres

Pró-Reitor Administrativo

Carlos Ricardo Gass Sinnott

Diretora da Escola de Serviço Social

Vini Rabassa da Silva

SOCIEDADE EM DEBATE

Conselho Editorial

Paulo Peixoto de Albuquerque

- editor

Carmen Lucia Bezerra Machado

- UFRGS

Gabriela Martini Armengol - Universidad de Chile- Chile

Isabel Yépez del Catillo - Université catholique de Louvain-la-Neuve- Belgica

Ivete Simionatto - Universidade Federal de Santa Catarina

Lee Pegler - Institut of social studies - Haia Países Baixos

Margarita Rozas Pagaza – Universidad Nacional De La Plata - Ar

Mayella Cubillos - universidad de Costa Rica, San José

Mona José Gagnon - Université de Montreal – Canada

Vicente Faleiros- UNB - Brasília

Vini Rabassa da Silva – Universidade Católica de Pelotas

Yorn Chakda - Université Sherbrooke – Canada

Estagiária: Maristela Letzow Silva Becker

A apresentação de colaborações e os pedidos de assinaturas devem ser encaminhados à revista SOCIEDADE EM DEBATE

Rua Félix da Cunha, 412 - Fone (53) 3284.8215 - 3284.8258

FAX (53) 3225.3105 - 96010-000 - Pelotas / RS - Brasil

Direito reservado para esta edição: Universidade Católica de Pelotas

Produção Editorial: Editora EDUCAT/UCPEL

Editoração Eletrônica e Capa: Ana Gertrudes G. Cardoso

Foto da capa: Ana Marcela Sarria de Albuquerque

Tiragem: 200 exemplares

SOCIEDADE EM DEBATE	PELOTAS	V.10	N.3	p.1 - 147	Dezembro 2004
---------------------	---------	------	-----	-----------	---------------

SUMÁRIO

- 9 Pluralidade e Pesca Artesanal o Caso da Colônia Z-3 em Pelotas, RS
Flávio Sacco dos Anjos
- 43 Inovação, Mudanças de Gestão e o Contexto Sócio- Cultural: Uma Ecologia Organizacional
Neuri Antonio Zanchet
- 57 (RE) Construindo as Relações de Trabalho?
Lucas Henrique da Luz
- 79 Gênero e Mercado de Trabalho em Pelotas
Leni Beatriz Collares
- 103 Mudanças nos Processos de Trabalho e Ação Universitária
Nara Grivot Cabral
- 121 O Fenômeno do Tempo Livre Frente as Mudanças no Mundo do Trabalho na Sociedade Contemporânea
Alexandra Regina Boeira
- 135 Ante el Actual Escenario Latinoamericano – Hacia un nuevo modelo de desarrollo: crescimento com inclusão social
Daniel Arroyo

SOCIEDADE EM DEBATE. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas; EDUCAT, V.10, N.3, p.1-147, dezembro/2004

ISSN 1414-9869
Quadrimestral
Revista da Escola de Serviço Social

CDD 360.05

Catálogo sistemático
Serviço Social: Periódico

Trabalho e sociedade em transformação

Apresentação

Mudanças, reconfigurações, inovação tecnológica, transformações das relações de trabalho têm sido as palavras fetiche que aparecem na maioria dos discursos utilizados nas empresas privadas ou públicas como sinônimos de práticas democráticas que possibilitam aos atores sociais, no processo de trabalho, expressar suas competências para o alcance de objetivos.

É verdade, o trabalho humano e suas formas de organização têm sido focalizados de vários pontos de vista, tal como ocorre com outros objetos de estudo e pesquisa. Entretanto, nenhum passou a ter tanta evidência e a ser discutido nos mais variados fóruns como o tema as transformações do mundo do trabalho como consequência de uma mudança ainda maior da sociedade contemporânea.

"Flexibilidade", "habilidades individuais", "novas competências", "novos modos de produção" parecem ser fatores constituintes de uma contemporaneidade que propõe outras formas de trabalho, como o serviço terceirizado, o trabalho autônomo, informal, temporário, voluntário, as cooperativas e os estágios

Neste número de sociedade em debate nosso interesse é discutir operativamente como os conceitos de trabalho e desenvolvimento são colonizados por uma lógica econômica que, por ser mundial e integrada, modela a produção da riqueza em todos os recantos do planeta.

Convém salientar que os trabalhos apresentados neste número são fragmentados e sua leitura pode favorecer a uma percepção também segmentada da realidade e até induzir a uma percepção do real que agrada pelo seu bom senso.

Mas, é preciso salientar, também, que metodologicamente a segmentação do real não invalida uma leitura do real, pois na sua pluralidade eles nos levam a refletir sobre um determinado projeto de desenvolvimento e de sociedade nos quais a ética e a questão social são fatores secundários por não fazerem contraponto a globalização econômica proposta.

Os artigos que seguem são exercícios reflexivos que buscam através de diferentes abordagens contribuir para uma reflexão sobre as principais mudanças do capitalismo contemporâneo; partem do pressuposto que o capital por ser um agenciamento coletivo complexo precisa ser constantemente avaliado onde ele se concretiza: seja na Colônia de pesca Z-3 de Pelotas ou nos espaços do bloco regional do Mercosul.

Tal como vêm sendo apresentadas pela literatura, (prescritiva) da administração de empresa, as mudanças do processo de trabalho aparecem como propostas técnico-administrativas e, no imaginário das pessoas, se apresentam como único movimento capaz de nos incluir na rota do desenvolvimento e do crescimento.

Assim, um conjunto de estratégias técnico-administrativas que é, antes de qualquer coisa, o sub-produto da crise de acumulação sugere a idéia de pertinência e adequação ao mundo real da modernidade.

Com efeito, as crises do modelo econômico ao mesmo tempo em que apontam para as limitações de uma lógica econômica são importantes, porque no seu avesso sinalizam práticas sociais na qual a ausência de políticas públicas também indica inexistência de mecanismos de controle social.

Nesse sentido, compreender as diferentes formas de trabalho, re-significado-o como que faz o artigo "*Pluriatividade e Pesca Artesanal: O caso da Colônia Z-3 em Pelotas, RS*" é importantíssimo para neutralizar o pensamento único. Ao situar o artesanato como processo de construção da vida e da riqueza na cidade de Pelotas". .

O segundo artigo mostra que as mudanças do mundo do trabalho não se dão em um vácuo social, elas têm um tempo e um espaço social concretos; o artigo "Inovação, mudanças e gestão e o contexto sócio-cultural: uma ecologia organizacional" traz a leitura "mutante" de um administrador que sente que a competitividade desejada e buscada supõe a gestão de outras formas de gestão descentralizada e compartilhada. Entendemos que pensar produção da riqueza é diferente de ter capacidade de acumular ou por dinheiro na caixinha. Dito de outro modo, produção da riqueza não é apenas privilegiar uma racionalidade que subordina o trabalho a uma idéia de consumo e mercado.

Entendemos que os artigos apresentados, pode-se visualizar uma "pedagogia" na mudança proposta pela contemporaneidade que precisa ser identificada e debatida, pois tudo indica que um processo que é amplo, complexo e ambíguo está reduzido a adesão coletiva a determinados modelos de desenvolvimento que enfatiza apenas um aspecto da realidade – a questão técnica do processo de trabalho.

Entretanto, tal como está sendo utilizado o conceito de trabalho e mudança são percebidos a partir de uma perspectiva simplista de tal forma que eficácia econômica passa a ser o mesmo que "responsabilidade social".

Por isso, o artigo "*(RE) construindo as relações de trabalho?*" busca fazer a diferença entre labor e trabalho (Hanna Arendt) situando as formas de organização do trabalho associativo e solidário como possibilidade de produção da riqueza.

A grande ironia dos anos 2000 é o fato do país (Brasil) ter alcançado as condições materiais e ideais para trabalhar com eficiência e eficácia no modo de organização fordista que...hoje não servem mais a economia mundial. Este fato está bem retratado no artigo o quarto artigo, "Gênero e mercado de trabalho em Pelotas: balanço dos últimos anos" busca exatamente regatar nas transformações do mundo do trabalho aqueles elementos que impactam na vida do trabalhador evidenciando os

impactos na perspectiva local, pois como bem já disse Tolstói "conhecendo a minha aldeia, também conheço o mundo".

O raciocínio é bem familiar: a transformação de um modo de produção se faz necessário para criar as condições ótimas do funcionamento econômico bloqueado pela diminuição da produtividade .

Assim, o "conceito de competência" evidencia não a economia do trabalho, mas a proposta de reabilitação de um regime de acumulação que atinge seus limites na impossibilidade de aumentar a produção e de produzir produtos cada vez mais diferenciados.

É verdade, a rearticulação das forças produtivas se faz necessária, visto que a crise econômica provoca um repensar da forma como se organiza a produção e os diferentes serviços.

Os artigos, cada um na sua singularidade, apontam para um outro espaço produtivo que por sua vez exige também um outro tipo de trabalhador, um outro saber urge. Esse contexto é analisado no artigo que discute "Mudanças nos processos de trabalho e ação universitária", visa que a produção de conhecimentos nas IES de certo modo está condicionada as experiências do mercado.

Não perceber que a diversidade se insinua nos modos de produzir a vida e no modo como os grupos sociais se apropriam do tempo é desconsiderar também que existem outras transformações provocadas pelo capitalismo contemporâneo, tal

Repensar o tempo livre é o que faz o artigo "O fenômeno do tempo livre frente as mudanças no mundo do trabalho na sociedade contemporânea". Este evidencia a multidimensionalidade do mundo da vida que é retomada no artigo "Hacia un nuevo modelo de desarrollo: crecimiento com inclusión social"

Estes últimos dois textos tratam de identificar aqueles pressupostos que definem valores, princípios e praticas que privilegiam uma economia do trabalho sobre uma economia do capital.

Finalizado, o espaço da alteridade, na contemporaneidade, não pré-existe a nada, ele é criado, precisa ser agenciado. O capital dita formas homogêneas de ser e fazer, por isso mesmo é preciso explicitá-las porque assim o fazendo se pode compreender que elas não são as únicas.

A enunciação de novos modos de produzir é o antídoto possível para reverter este quadro de pensamento único que paralisa as potencias inventivas da coletividade, sejam elas em Pelotas ou no mercosul.

Boa leitura e bom proveito.

Paulo Peixoto de Albuquerque
Editor

